



Circuitos Onipresentes, Seres Oniscientes ¹

Evandro José da Silva NETO²
Matheus Pereira Matos FELIZOLA³
Universidade Tiradentes, Aracaju, SE

RESUMO

Um mundo em revolução, um povo em transformação e uma grande teia planetária. O presente trabalho objetiva averiguar as modificações no processo de construção do conhecimento da sociedade pós-moderna, no que concerne ao processo de enfraquecimento das Escolas, frente às tecnologias da comunicação que reduziram o mundo. A Internet aproximou pessoas, interligou as mais diversas regiões do globo, provocando modificações significativas nos processos de construção de saberes e referências. A amplitude, a complexidade e a diversidade de indagações, por meio de diferentes recortes e vários enfoques, exigiram a contribuição de diversas pesquisas e autores das mais diversas áreas, a exemplo de Manuel Castells, Pierre Lévi, Juan Luis Cebrián, entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Internet, Escola, Cibercultura, Pós-modernidade, Pluralidade.

INTRODUÇÃO

O mundo tem passado por constantes transformações. Intelectuais, pesquisadores e cientistas das mais diversas áreas tem analisado as rápidas mudanças sócio-políticas e econômicas, buscando explicações. Os avanços tecnológicos causam impactos e implicações no *modus vivendi* da sociedade contemporânea, fomentando o individualismo, o racionalismo, o universalismo abstrato, a competitividade, a produtividade, dentre outros fatores incontroláveis e imensuráveis que subvertem o que estava instituído e reorganizam os modos de funcionamento social e cultural, reformulando conceitos e questionando as relações de poder.

A incessante disputa por poder econômico, político e ideológico por todo mundo, fez necessário o desenvolvimento de um sistema que interligasse pontos estratégicos de modo que o comando estivesse descentralizado. Considerado a prova de bombardeio, a ARPA (Advanced Research and Projects Agency) desenvolveu um sistema que não “caía” caso um dos pontos desaparecesse. O contexto favorecia o

¹ Trabalho apresentado no IJ 05 – Comunicação Multimídia do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

² Graduando do Curso de Jornalismo da UNIT, email: evandronetto@hotmail.com

³ Orientador do Trabalho. Professor dos Cursos de Comunicação da UFS, email: ecologia@infonet.com.br



investimento em pesquisas e mais uma vez um mecanismo histórico impulsionou a técnica.

O surgimento da Internet é fator preponderante para delinear novos fenômenos sociais que rompem paradigmas e criam incógnitas a serem estudadas. Surgem novas teorias, novos métodos e conceitos que se dispõem a investigar e explicar as rupturas históricas causadas pelas tecnologias da comunicação e da informação. Estar conectado aos diversos pontos do planeta é um privilégio do homem pós-moderno. A Internet revolucionou as comunicações como nenhuma outra invenção foi capaz, e possibilitou uma troca constante de informações e conhecimentos, enfraquecendo as clássicas instituições no cumprimento de seus antigos papéis de domínio e ordenação dos significados e dos valores sociais.

As relações de poder estão intrinsecamente relacionadas às instâncias do saber, que instituem autoridade ao discurso, sob o qual somos julgados, classificados ou condenados. Como já professam os ditos populares “quem tem informação, tem poder”. Pré-requisito para evolução e para o desenvolvimento humano, a informação disponibilizada e compartilhada através da rede, possibilitou aos atores sociais a transcendência de um papel passivo, enquanto receptores de informação, para o desenvolvimento da capacidade crítica.

As profundas transformações decorrentes das Tecnologias da Comunicação e da Informação modificaram referências e instituíram novas relações de poder. A Escola, um dos pilares que davam sustentação ao processo de construção identitária, enfrenta rupturas, deixando de ser fonte de produção de significados e referências sociais. A interconexão de computadores provocou profundas mudanças sociais, gerando novas formas de vida, uma nova economia, novas práticas educativas, uma nova cultura com um novo jeito de pensar e agir.

A Cibercultura enfatiza a importância do compartilhamento, da experiência, da criação/inação dos conhecimentos e da vivência do estranho, que contribuem para a ampliação do saber humano. É possível dividir experiências e multiplicar saberes, transformando informações em conhecimento, pois essas estão disponíveis ao mundo, a qualquer tribo, a qualquer pessoa. Obras, textos, teses, criações e criaturas estão expostas ao mundo, disponíveis para a contribuição dos membros da rede, sendo renovadas a uma velocidade impressionante, num espaço de crescente interação. Espaço onde pessoas e saberes se encontram, tempo inexistente e os fluxos são incontrolláveis.



COLETIVIDADES GLOBAIS

Desde sua ascendência, o homem deseja interligar o mundo, comunicar-se com eficiência, haja vista a sua necessidade de interatuar consigo e com o outro. COSTA (2005, p.13) afirma que a humanidade inventou um sistema de símbolos, formou a linguagem, para comunicar-se, a fim de transmitir conhecimentos e vivências de uma geração à outra. Para a autora, os homens recriam “a realidade segundo suas necessidades e pontos de vista, traduzindo-a sob a forma de informação ou conhecimento”.

O mundo virtual dispõe da inclusão e abrangência das mais diversas matizes e expressões culturais, um palco para o encontro do erudito e do popular, onde informação e entretenimento podem estar atreladas, educação e o poder persuasivo convivem tranquilamente. O homem contemporâneo tem passado por um processo de reeducação, haja vista a convergência de significados e a universalização dos mitos. Fatores esses que justificam a heterogeneidade de uma cultura cibernética ou cibercultura. Uma cultura universal, partilhada por meio da rede, incorporando aos modos de agir e pensar as mais diversas técnicas utilizadas no espaço cibernético.

A cibercultura mantém a universalidade ao mesmo tempo em que dissolve a totalidade. Corresponde ao momento em que nossa espécie, pela globalização econômica, pelo adensamento das redes de comunicação e de transporte, tende a formar uma única comunidade mundial, ainda que essa comunidade seja - e quanto! - desigual e conflitante. Única em seu gênero no reino animal, a humanidade reúne toda sua espécie em uma única sociedade. Mas, ao mesmo tempo, e paradoxalmente, a unidade do sentido se quebra, talvez porque ela comece a se realizar na prática, pelo contato e a interação efetivos. Conectadas ao universo, as comunidades virtuais constroem e dissolvem constantemente suas micrototalidades dinâmicas, emergente, imersas, derivando entre as correntes turbilhonantes do novo dilúvio. (LÉVY, 1999, p.249)

Onipresentes, os circuitos eletrônicos estão por todos os lados possibilitando a localização de qualquer ser, em qualquer instante e em qualquer local. A internet, conforme afirma PAIVA (2001) tornou-se um ambiente propício para as pessoas interagirem, trocar opiniões e participar de projetos colaborativos. Não há mais barreiras espaciais e temporais, desde que o indivíduo tenha acesso a um terminal de computador conectado à internet. De sua casa, de um laboratório, uma *lan house* é possível acessar bibliotecas em várias partes do mundo, assistir a vídeos, participar de diversos cursos



online, e, ainda, acessar um imenso mar de recursos para desenvolver as várias habilidades envolvidas na aprendizagem de uma língua.

De acordo com SANCHO (2001) o que abaliza o ser humano de todas as outras espécies é a sua aptidão de arquitetar esquemas sistematizados, aperfeiçoá-los, transformá-los, adaptá-los e ter o poder de decidir quanto à sua conveniência e utilidade. É possível afirmar que essa capacidade de criar é uma técnica, onde o ser humano utiliza a arte para obter uma realização material. Através da internet o homem conecta-se com o mundo, conhece pessoas, lugares, culturas construindo relações e conhecimento. “No curso dos últimos anos, as lutas criativas das multidões produziram os materiais de sujeitos numerosos e diferentes: a dialética das fontes abertas, das fronteiras abertas, do conhecimento aberto⁴”.

Diante de uma pluralidade cultural, que se encontra na rede para produzir conteúdo e conseqüentemente disseminar saberes, a descentralização e a liquidez são características de uma era pós-moderna. Os processos colaborativos se inserem na sociedade como modeladores de realidades possíveis não mais representando o mundo visível e sim criando interstícios sociais (BOURRIAUD, 1997). Para HALL(2005) quanto mais a vida social vai sendo mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação mundialmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem flutuar livremente. “Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades, dentre as quais parece possível fazer uma escolha” (Ibdem, p. 75).

(...) todas as formas de sociabilidade contemporâneas encontram na tecnologia um potencializador, um catalisador, um instrumento de conexão. (...) O ciberespaço não é uma entidade puramente cibernética (no sentido etimológico de ‘controle’ ou ‘pilotagem’), mas uma entidade abstrata, efervescente e caótica. (LEMOS, 1996, p. 21)

É no ciberespaço que as pessoas se reúnem através dos mais diversos meios sem que haja coincidências geográficas ou contato físico, os indivíduos reúnem-se por senso comum. “As relações sociais formadas no ciberespaço através do contato repetido em um limite ou local específico (como uma conferência eletrônica) simbolicamente delineado por tópico ou interesse” (FERNBACK e THOMPSON, 1995, p. 8). Já

⁴ “Au cours des dernières années les luttes créatrices des multitudes ont produit des matériaux sur des sujets nombreux et différents: la dialectique des sources ouvertes, des frontières ouvertes, de la connaissance ouverte.” Tradução livre. Lovink e Schneider, 2003.



RHEINGOLD (1993) percebe as comunidades virtuais enquanto agregações sociais que surgem na Internet quando um número de pessoas conduz discussões públicas por um tempo determinado, com suficiente emoção, e que forma teias de relações pessoais no ciberespaço. O autor acredita que a diminuição das possibilidades de encontros reais nas cidades motivou o surgimento e o crescimento dos encontros virtuais.

Hoje, não pensamos o virtual; somos pensados pelo virtual. Essa transparência inapreensível, que nos separa definitivamente do real, nos é tão ininteligível quanto pode ser para a mosca o vidro contra o qual se bate sem compreender o que a separa do mundo exterior. Ela não pode nem sequer imaginar o que põe fim ao seu espaço (BAUDRILLARD, 1997, p. 71).

BAUDRILLARD (1997) apresenta certo receio quanto a possibilidade de aniquilação das representações do mundo, por meio do virtual. De acordo com ABREU (2003, p.63) “as instituições, que serviam de base para a produção de significados dos grupos sociais, se transformam, então também se transformam as redes de significados que definiam esses grupos”. Assim, os tradicionais modos de aquisição de conhecimento vêm sendo subvertidos por mudanças sociais e tecnológicas.

DILÚVIO INFORMACIONAL

Em meio à revolução das tecnologias da informação, “o homem-coletor de comida reaparece incongruentemente como coletor de informação. Neste seu papel, o homem eletrônico não é menos nômade do que seus ancestrais paleolíticos” (MCLUHAN, 1974, p. 318).

De acordo com os estudos de CASTELLS (2000), conhecimento e informação foram centrais para todas as sociedades. Contudo, há uma novidade, as tecnologias da informação com as quais estamos nos habituando a utilizar, tem por centro as tecnologias da informação/comunicação fundamentadas na microeletrônica e na engenharia genética. Tecnologias essas que agem sobre a informação e não apenas a informação age sobre a tecnologia, tal como em outras épocas.

A dinâmica sócio-cultural contemporânea exige a capacidade de criar, compartilhar e aplicar conhecimentos, a fim de que esses tenham uma proveitosa utilização. CASTELLS (1999) adverte que o mundo da multimídia será habitado por duas populações essencialmente distintas: a interagente e a receptora da interação, ou



seja, aqueles capazes de selecionar seus circuitos multidirecionais de comunicação e os que recebem um número restrito de opções pré-empacotadas.

Enquanto a informação e o conhecimento foram sempre, por definição, elementos essenciais em alguns processos do descobrimento científico e da mudança técnica, este é o primeiro momento da história no qual o novo conhecimento é aplicado principalmente aos processos de geração e ao processamento do conhecimento e da informação. (CASTELLS, 1996, p. 11)

O enorme fluxo e o excesso de informações contidas na rede torna necessário o cuidado do usuário ao fazer uso desses conteúdos. A inexistência de uma política de controle e a possibilidade de veiculação de uma gama de informações provoca questionamentos sobre a real qualidade do material pesquisado e possíveis fatores subsequentes ao contexto. O homem contemporâneo vivencia a renovação veloz e voraz dos saberes, nesse momento, de aprendizado recíproco por meio de uma inteligência coletiva, é que surge a necessidade de desenvolvimento de mecanismos de coleta e transformação de dados e fatos, em conhecimento.

Conhecimento: um conjunto de declarações organizadas sobre fatos e idéias, apresentando um julgamento ponderado ou resultado experimental que é transmitido a outros por intermédio de algum meio de comunicação, de alguma forma sistemática. Assim, diferencio conhecimento de notícias e entretenimento. (...) Informação são dados que foram organizados e comunicados⁵. (CASTELLS, 1999a, p. 45)

O acesso irrestrito a informações possibilita a disseminação de idéias sem que haja censura. A Internet permite a troca incessante de saberes em tempo real, o que modifica e reestrutura o processo de aprendizagem. LÉVY (1999) ressalta que o que é preciso aprender não pode mais ser planejado nem definido com antecedência. Os percursos e perfis de competências são todos singulares. Devemos construir novos modelos do espaço de conhecimentos. A partir de agora devemos preferir a imagem de espaços de conhecimentos emergentes, abertos, contínuos, em fluxo, não lineares, se reorganizando de acordo com os objetivos ou os contextos, nos quais cada um ocupa uma posição singular e evolutiva.

Os fenômenos advindos das tecnologias da comunicação provocam transformações. Sob o título *O Excesso de Informação – A Neurose do Século XXI*,

⁵ Castells apropria-se do conceito de conhecimento de Daniel Bell (1976). Já o de Informação, recorre à definição proposta por Marc Porat (1997).



BRAGA (2003) apresenta neologismos advindos de uma era de excesso de informação e suas possíveis causas:

- *Cybercondríacos*: É a versão digital dos hipocondríacos. São pessoas que pesquisam os sinais e sintomas de determinadas doenças na Internet e passam a acreditar que a possuem. O pior é quando pesquisam sobre o tratamento e passam a se automedicar;
- *Dataholics*: Termo criado pelo professor Sabbatini da Unicamp, que serve para designar as pessoas que são viciadas em informação. São pessoas que só se sentem seguras após lerem a mesma informação em quatro ou cinco fontes, para checar a veracidade da mesma;
- *Bulimia Informacional*: Termo que caracteriza a necessidade compulsiva pela coleta de informações, cada vez em maior quantidade, geralmente de forma pouco criteriosa. O bulímico informacional não se preocupa com a qualidade da informação da qual faz uso, mas sente uma imperiosa necessidade de ficar sabendo de tudo o que se passa nas áreas em que atua;
- *Obesidade Informacional*: Resultado da bulimia informacional, nesse caso, a obesidade refere-se ao excesso de informação desnecessária ou pouco relevante, que ao se acumular, prejudica a efetivação do aprendizado relativo às informações que realmente seriam úteis ao indivíduo.

A virtualidade possibilita o acesso imediato a incontáveis conteúdos, sobre inumeráveis assuntos. São inquestionáveis os benefícios advindos do processo de virtualização, entretanto, o número de informações diárias a que o homem está exposto é enorme. Contudo, inexistente tempo para tanta informação. Assim, as pessoas passam a desenvolver sentimentos de frustração, haja vista a incapacidade de absorver a quantidade de informações que acreditam ser necessárias. Segundo BRAGA (2003) o problema é que tais sentimentos de impotência agravam os sintomas de ansiedade que, por sua vez, reduzem a capacidade de aprender, gerando mais ansiedade e fechando o círculo vicioso.

RECONSTRUIR A ARCA, REDESENHAR A ESCOLA



[...] vivemos hoje em uma destas épocas limítrofes na qual toda a antiga ordem das representações e dos saberes oscila para dar lugar a imaginários, modos de conhecimentos e estilos de regulação social ainda pouco estabilizados. Vivemos um destes raros momentos em que, a partir de uma configuração técnica, quer dizer, de uma nova relação com o cosmos, um novo estilo de humanidade é inventado (Lévy, 1993, p. 17).

As sociedades primitivas, compostas por longínquos ancestrais do homem contemporâneo, tinham no seu método educativo semelhanças ao que é encontrado hoje em sociedades isoladas. Antropólogos identificaram que o processo educativo consistia numa ação iniciada na família, inspecionando as habilidades da criança e compartilhando experiências, sendo prosseguida por meio de atividades desenvolvidas no grupo social, através dos trabalhos coletivos de caça, coleta de frutos, cultivo e agricultura, construções, por onde seriam transmitidos os conhecimentos necessários para a sobrevivência.

Nas sociedades mais simples, a aquisição de conhecimentos não exige estabelecimentos especialmente destinados às tarefas educativas. A aprendizagem se realiza naturalmente, pois a criança participa, de forma cada vez mais ativa, nos trabalhos comuns, desenvolvendo tarefas rudimentares. Progressivamente, o papel que desempenha na comunidade torna-se mais importante e definido, assumindo trabalhos mais complexos.

A influência sobre a formação das pessoas estava sempre vinculada à religião. O sagrado, as crenças e os ritos, junto às manifestações artísticas, exigiram um trabalho distinto desenvolvido por sacerdotes, xamãs ou por conselhos de anciãos. O saber religioso, às crenças mágicas e o mundo mítico são apresentados por meio de um trabalho desenvolvido no interior dos grupos, valorizando a estreita ligação entre a Escola e a Igreja na construção dos valores.

A ênfase pós-moderna na rejeição das formas de conhecimento e pedagogia que venham envolvidas no discurso legitimador do sagrado e do consagrado, sua rejeição da razão universal como fundamento para as questões humanas, sua asserção de que todas as narrativas são parciais e seu apelo para que se realize uma leitura crítica de todos os textos científicos, culturais e sociais como construções históricas e políticas, fornecem as bases pedagógicas para radicalizar as possibilidades emancipatórias do ensino e da aprendizagem como parte de uma luta mais ampla pela vida pública democrática e pela cidadania crítica (GIROUX, 1993).



É prioritariamente na escola que o intelecto inicia o processo de socialização e cidadania. É nessa instituição que o indivíduo passa a entender o funcionamento social, por meio de modelos que vão desde as escalas estruturais às organizacionais. A figura do professor encarrega-se de fazer cumprir regras, assumindo o lugar de autoridade. Já os líderes, estabelecidos entre os próprios indivíduos, desconfiguram a condição de igualdade, haja vista o estabelecimento de valores que passam a demarcar hierarquias. As notas atribuídas em trabalhos e avaliações são a materialização do esforço ou o castigo pela ociosidade. As repressões ou felicitações, a competitividade, a rigidez do horário, são elementos da rotina escolar que imprimem aos indivíduos valores que regem o mundo.

Temos que compreender, de uma vez por todas, que todas as significações que constituem nosso mundo são simplesmente uma estrutura historicamente determinada e em contínuo desenvolvimento, e na qual o homem se desenvolve, e essas significações de nenhuma maneira são absolutas. (Karl Mannheim, em *Ideologia e Utopia*)

Sob o pensar de TADEU (1992) o pensamento pós-moderno abandonaria a noção de consciência unitária, auto-idêntica, auto-reflexiva, racional, homogênea, centrada, determinada por certas dinâmicas centrais, das quais seria devedora a Sociologia da Educação. Na conjuntura pós-moderna a subjetividade é percebida como fragmentada, descentrada, contraditória, como resultado de múltiplas determinações. E a consciência seria sempre parcial, fragmentada e incompleta.

A atual conjuntura propicia a integração social e cultural, exigindo da escola um posicionamento enquanto instituição crítica. Contrapondo um predominante modelo burocratizado, imposto pelo Estado em que inexistente a participação de sujeitos livres de coerção, capaz de elaborar críticas racionais. De acordo com SOUSA (2008) a escola como instituição crítica opõe-se frontalmente à escola como instituição manipuladora. Em vez de preparar indivíduos dóceis, apáticos e resignados, a escola como instituição crítica quer romper com a atomização da sociedade administrada, de modo a abrir caminho à emergência de subjectividades rebeldes, capazes de se libertarem a si mesmas do processo de sujeição a que as submete-sujeita a ideologia (escolar) dominante.

A escola como instituição crítica deve fornecer os conceitos necessários ao aluno que se queira libertar da sujeição-submissão ideológica: a imuno-cognição crítica é a arma que os professores e os seus alunos devem erguer para se defenderem da comunicação sistematicamente distorcida imposta pela burocracia educacional e pela política economicista dominante. Como instituição crítica, a



escola deve reconquistar o espaço de libertação que coexiste no seio da escola burocratizada com o espaço da dominação.⁶

“A inteligência e o “savoir-faire” humanos sempre estiveram no centro do funcionamento social. Toda a história da humanidade, de certa forma, é a história de como o homem produziu, guardou e distribuiu o seu saber” (ABREU, 2003, p.73). Entretanto vivencia-se hoje um novo momento para tal domínio, haja vista a velocidade de renovação dos saberes por meio das novas tecnologias da comunicação.

Na cibercultura, o computador vai substituir o professor. Estou falando, é claro, do professor-transmissor de conteúdos, aquele das conhecidas fichas amareladas que serviam para todas as turmas e dos textos que deveriam ser lidos sempre do mesmo modo, à prova de qualquer contexto. Aquele a quem cabia apresentar repetidamente conteúdos prontos a pessoas que não sabiam quase nada. Aquele que não permitia as vozes divergentes, a multiplicidade de olhares, as subjetividades criadoras. (Ramal, 2002 p. 189)

O acesso fácil e rápido a qualquer conteúdo veiculado na rede dá ao usuário a possibilidade de buscar sozinho a informação/conhecimento que deseja ou de que necessita. Ele também pode colocar suas idéias e suas teorias ao alcance de todos, recebendo críticas ou contribuições. Pode interagir em comunidades virtuais, discutindo conjuntamente temas do seu interesse, ou pode receber orientação personalizada de um especialista sobre o assunto que desejar. Conforme aponta ABREU (2003) as tecnologias que integram o espaço cibernético, amplificam, exteriorizam e modificam numerosas funções cognitivas humanas, tais como: memória (bancos de dados, hiperdocumentos, arquivos digitais de todos os tipos), imaginação (simulações), percepção (sensores digitais, telepresença, realidades vituais) e o raciocínio (inteligência artificial, modelagem de fenômenos complexos). O uso cotidiano de tais tecnologias está transformando o processo de aprendizagem humano, pois novas formas de raciocínio emergem, assim como novas formas de acesso ao saber.

Os docentes, por sua vez, mostram-se desconfiados, céticos, pois não conseguem vislumbrar que a introdução da informática na escola possa vir a ser o mecanismo de mudança na educação. Outros parecem temerosos em relação a esse discurso, porque receiam que ele possa vir a ocupar um espaço excessivo na educação e a contribuir para o questionamento da importância e do papel do docente, tornando-se mais um fator a colaborar para a desvalorização do magistério. (Felipe, 2001 p. 93)

⁶ Texto de J Francisco Saraiva de Sousa, publicado em 27 de Fevereiro de 2008, em <<http://cyberdemocracia.blogspot.com/2008/02/escola-como-instituio-crtica.html>>.



Contudo, LÉVY (1999) afirma que:

(...) a principal função do professor não pode mais ser uma difusão dos conhecimentos, que agora é feita de forma mais eficaz por outros meios. Sua competência deve deslocar-se no sentido de incentivar a aprendizagem e o pensamento. O professor torna-se um animador da inteligência coletiva dos grupos que estão a seu encargo. Sua atividade será centrada no acompanhamento e na gestão das aprendizagens: o incitamento à troca, a mediação relacional e simbólica, a pilotagem personalizada dos percursos de aprendizagem etc (p. 171).

As referências e experiências humanas em um mundo globalizado desencadeiam novos movimentos de produção de significados coletivos. A Escola, enquanto instituição social, não possui recursos materiais e nem prestígio simbólico. De acordo com SARLO (2004, p. 102), “as escolas não sabem mais o que fazer para que sua oferta seja mais atraente do que a da cultura audiovisual”. Sob o entender de LIMA (2008) com o enfraquecimento do valor simbólico e institucional da escola, a comunidade imaginária construída pelos meios de comunicação não encontra nenhum obstáculo para a construção de uma cultura baseada na mercadoria. Ocorre que as escolas não conseguiram acompanhar as transformações ocorridas com o advento da cultura audiovisual na mesma velocidade que os meios de comunicação.

“Nesta sociedade a escola não é opção, é obrigação. E essa obrigatoriedade é o que propicia um discurso vazio a respeito dela, pois é difícil estabelecer uma consciência crítica a respeito de algo que se tornou tão banal” (LIMA, 2008, p. 41). Os processos de globalização, virtualidade e interatividade, possibilitados pelo desenvolvimento das TIC’s, adentram as estruturas vigentes na educação. Como afirma CASTELLS (1999b) a escola, enquanto instituição social, sob a estrutura a que se propõe, não supre às requisições da revolução em curso. É possível perceber que, como outras instituições, a escola padece frente aos impactos das transformações implementadas pelas novas tecnologias. Propõe-se não somente uma mudança tão somente estrutural, mas na própria natureza da Escola.

Para ABREU (2003) o modelo da transmissão do conhecimento e as relações de poder exercidas pela escola entram em colapso, pois ela não prepara as pessoas para viverem uma autonomia e uma agilidade de pensamento e ação, necessários ao mundo contemporâneo. Um mundo de fluxo e de excesso de informações, de qualidade incerta



e de renovação constante de conhecimentos que coloca o ser humano diante de uma epistemologia intotalizável e indominável⁷.

CONSIDERAÇÕES GERAIS

Numa disputa acirrada entre capitalismo e socialismo, os investimentos norte-americanos resultaram em um projeto de pesquisa militar que objetivava conectar os mais importantes centros universitários de pesquisa e bases militares. A Internet possibilitou a facilidade de comunicação e uma troca constante de informações através de uma rede que ganharia proporções inimagináveis por seus criadores. Com a possibilidade de incorporar imagens e sons, a Internet passou a adentrar a vida do homem, possibilitando ao usuário serviços de informação e comunicação de alcance mundial.

Em um mundo interconectado, tudo se tornou parte de um imenso sistema de dados binários. A evolução dos hardwares congregada ao desenvolvimento dos softwares consentiu à máquina uma estreita relação com o homem. O acesso irrestrito a informações possibilita a disseminação de idéias sem que haja censura. A Internet permite a troca incessante de saberes em tempo real, o que modifica e reestrutura o processo de aprendizagem e significação.

O ciberespaço desconstruiu paradigmas e alicerçou novos conceitos. Concepções, valores e visões foram eminentemente transformadas, exigindo uma reestruturação sócio-econômica, cultural e política. Em um ambiente mediado pelo computador, onde são realizadas diversas atividades, desde simples conversas a transações bilionárias, reaprende a pensar e agir, o homem passa por um processo de aculturação e reaprendizagem, por meio da virtualização da realidade, onde inexiste referência ao passado ou do pensamento futuro, mas a vivência da intemporalidade.

As tecnologias da comunicação reduziram o mundo. Em especial a Internet, que aproximou pessoas, interligou as mais diversas regiões do globo. Informações de todo o mundo se encontram na rede, um ambiente sem censura e sem restrições. Na internet, espaço que possibilita o acesso à informação, comunicação e construção do novo, o tempo é atemporal, não seqüencial, simultâneo e o espaço é desterritorializado, inexistem os lugares que deram lugar aos fluxos.

⁷ A autora faz uso de termos caracterizados por Lévy.



A atual conjuntura é caracterizada por profundas transformações e desenvolvimentos que permeiam do setor tecnológico à produção econômica, da cultura às formas de sociabilidade. Uma nova realidade social tem se constituído por meio de novos conceitos que têm se tornado imprescindíveis para compreensão das atuais configurações.

A integração social e cultural exige da escola um posicionamento enquanto instituição crítica. Contrapondo um predominante modelo burocratizado, imposto pelo Estado em que inexistente a participação de sujeitos livres de coerção, capaz de elaborar críticas racionais. O modelo tradicional de transmissão do conhecimento e as relações de poder exercidas pela escola entram em colapso, pois ela não prepara as pessoas para viverem uma autonomia e uma agilidade de pensamento e ação, necessários ao mundo contemporâneo.

A cultura da virtualidade real modifica tanto os procedimentos de criação quanto os processos de cognição cultural. O sistêmico é rapidamente substituído pelo fragmentário, o homogêneo cede ao plural, a teorização ao experimentalismo. A tecnologia computacional media as relações sociais e o ciberespaço reflete a capacidade humana de descobrir.

REFERÊNCIAS

ABREU, R. A. S. **A Internet na Prática Docente: Novos Desafios e Conflitos para os Educadores.** 2003. Tese (Doutorado). Departamento de Psicologia, PUC-RJ.

BAUDRILLARD, J. **Tela total: Mito-ironias da era do virtual e da imagem.** Porto Alegre: Sulina, 1997.

BOURRIAUD, N. **Estética Relacional.** Buenos Aires: ed. Adriana Hidalgo, 2006.

BRAGA, R. **O excesso de informação – a neurose do séc. XXI,** in revista@aprendevirtual, Ed. 14, ano 3, n. 5, set/out 2003. São Paulo: CM Editora.

CASTELLS, M. **A galáxia internet: reflexões sobre internet, negócios e sociedade.** Tradução de Rita Espanha; coordenação de José Manuel Paquete de Oliveira, Gustavo Leitão Cardoso. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

_____. **A internet e a sociedade em rede.** In: MORAES, Denis de (org). Por uma outra comunicação. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 255 a 287.

_____. **A Sociedade em Rede.** A era da informação: economia, sociedade e cultura volume I, São Paulo, Editora Paz e Terra, 1999a.



_____ **Fim de Milênio – Tempo de Mudança.** A era da informação: economia, sociedade e cultura volume III , São Paulo, Editora Paz e Terra, 2000.

_____ **Fluxos, redes e identidades:** uma teoria crítica da sociedade informacional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

_____ **O poder da identidade.** Tradução de Alexandra Lemos, Rita Espanha. São Paulo: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

CEBRIÁN, J. L. **A Rede:** como nossas vidas serão transformadas pelos novos meios de comunicação, São Paulo: Summus Editorial, 1999.

COSTA, C. **Sociologia – Introdução à ciência da sociedade.** São Paulo: Editora Moderna, 3ª. ed., 2005.

FELIPE, L. H. L. **Informática e Educação:** encontros e desencontros no ensino fundamental público. 2001. Dissertação de Mestrado, Departamento de Educação PUC-RJ.

FERNBACK, J.; THOMPSON, B. **Virtual communities:** Abort, retry, failure? Manuscrito eletrônico: <http://www.Well.com/user/hlr/texts/Vccivil.html>. 1995.

GIROUX, H. A. **Os Professores como Intelectuais:** rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Trad. Daniel Bueno, Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1997.

_____ **"O pós-modernismo e o discurso da crítica educacional"**, in Teoria Educacional Crítica em Tempos Pós-Modernos, Tomaz Tadeu da Silva, org., Artes Médicas, Porto Alegre, RS, 1993, p. 65.

HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade.** 10ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LEMOS, A. **As estruturas antropológicas do ciberespaço.** Textos de Cultura e Comunicação, Salvador, n. 35, p. 12-27, jul. 1996.

LÉVY, P. **A Conexão Planetária: o mercado, o ciberespaço, a consciência.** , Rio de Janeiro, Editora 34, 2001.

_____ **A Emergência do Ciberespaço e as Mutações Culturais.** In: PELLANDA, N. e PELLANDA, E, (org) Ciberespaço: um hipertexto com Pierre Lévy. Porto Alegre: Editora Artes e Ofícios, 2000.

_____ **A Inteligência Coletiva: por uma antropologia do ciberespaço,** São Paulo: Edições Loyola, 1998a.

_____ **A Internet e a Crise dos Sentidos,** In: PELLANDA, N. E PELLANDA, E (org) Ciberespaço: um hipertexto com Pierre Lévy. , Porto Alegre: Editora Artes e Ofícios, 2000.

_____ **A Máquina Universo – criação, cognição e cultura.** Porto Alegre: Ed.



Artes Médicas, 1998b.

_____ **As Tecnologias da Inteligência** – o futuro do pensamento na era da informática, Rio de Janeiro: Editora 34, (1ª ed 1990), 1993

_____ **Cibercultura**, Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

_____ **O Que é o Virtual?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

LIMA, L. G. **A negação da infância**. Rio de Janeiro: Tmaisoito, 2008.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. Tradução de Décio Pignatari. 4º ed. São Paulo: Cultrix, 1974.

PAIVA, A, MARTINS, A, PAULINO, G. e VERSIANI, Z. (orgs.). **Literatura e Letramento**: espaços, suportes e interfaces. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

RHEINGOLD, Howard. **The Virtual Community**: Homesteading on the Electronic Frontier. HarperPerennial Paperback in USA, Manuscrito eletrônico: <<http://www.well.com/user/hlr/vcbook/index.html>>. Acesso em 12 de dez. 2008.

SANCHO, J. M. **A tecnologia**: um modo de transformar o mundo carregado de ambivalência. In: _____. (Org.) Para uma Tecnologia Educacional. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2001, p. 23-49.

SARLO, B. **Cenas da vida pós-moderna**. 3. ed. Rio de Janeiro: UFRJ Editora, 2004.

SOUSA, J. F. S. **A Escola como Instituição Crítica**. Publicado em 27 de Fevereiro de 2008. Disponível em: < <http://cyberdemocracia.blogspot.com/2008/02/escola-como-instituio-crtica.html>>. Acesso em: 10 de Out. 2009.